



ECOS da Via-Sacra

Ano XCVI - N.º 2 Junho / 2004 Preço: 1 Mocho





Agenda de Actividades Culturais

18 DE JUNHO

Avenida da Europa, 20.30 horas

“Marchas Populares”,

com participação do Colégio — “Lavadeiras e Moleiros”

21 DE JUNHO

Espaços do Colégio, a partir das 16.00 horas

“Feira Medieval”

23 DE JUNHO

Claustros da Sé de Viseu, 21.30 horas

“Concerto de Fim de Ano”

Coro e Orquestra de Flautas do Colégio da Via-Sacra

25 DE JUNHO

“Festa de Fim de Ano”

Eucaristia — 18:00 horas, Auditório do Centro Sócio-Pastoral Diocesano

Sardinhada — 19:00 horas, Espaços do Colégio

Sarau — 21:30 horas, Auditório do Centro Sócio-Pastoral Diocesano

ÍNDICE

	página
Editorial	3
Notícias do Colégio	4
Entrevista com ...	10
Espaço para a Escrita	13
Um Olhar sobre	18
Mergulhar nos Livros	27
Hora do Recreio	30
Tema do Ano	33
Agora Falam os Pais	38
“Echos” do Passado	40

Ecos da Via-Sacra

Revista do Colégio da Via-Sacra
Ano XCVI – N.º 2 Junho/2004

Periodicidade
Trimestral

Director
P.º António Pereira Felisberto

Director de Redacção
Prof. Nélson Marques

Redacção
Clube de Jornalismo

Direcção Gráfica
Prof.ª Carla Pinto

Impressão
Novelgráfica
Rua Capitão Salomão, 121-123
Viseu

Tiragem
800 exemplares

COLÉGIO DA VIA-SACRA

V I S E U

Liberdade, Vida a Crescer



A liberdade é, de facto, o melhor ambiente e enquadramento propício ao nosso crescimento. Uma liberdade acompanhada, reflectida e avaliada que promova a responsabilidade é o risco, sem alternativa, que vale a pena correr, em educação. A escolha do tema do ano, título deste texto, vem na linha de uma opção do nosso Colégio da Via-Sacra que procura assumir a liberdade como dom e como responsabilidade.

É um ideal elevado que nos coloca sempre a caminho! E porque nos encontramos no final de mais um ano lectivo, ousava propor-vos uma breve viagem que o Povo da Bíblia percorreu, na perspectiva da liberdade, sob o olhar atento e preocupado e pela mão do mesmo Deus.

Convidava-vos a pegar na vossa Bíblia e a ler, nas férias, as circunstâncias de alguns textos bíblicos que vou apenas evocar:

- **Ex. 21, 2** : “Quando adquirires um escravo hebreu, ele servirá seis anos; mas no sétimo, ele sairá em liberdade, sem nada pagar.”
- **Ex. 21, 27** : “E se fizer cair um dente do seu escravo, deixá-lo-á partir em liberdade pelo seu dente.”
- **Lev. 25, 10** : “Santificareis o quinquagésimo ano, proclamando na vossa terra a liberdade de todos os que a habitam.”
- **Dt. 15, 15** : “Recorda-te que foste escravo no país do Egipto e que o Senhor, teu Deus, te libertou.”
- **Is. 58, 6** : “O jejum que me agrada é este: libertar os que foram presos injustamente, [...] pôr em liberdade os oprimidos.”
- **Is. 61, 1** : “O Senhor me ungiu: enviou-me [...] para anunciar a libertação aos exilados e a liberdade aos prisioneiros.”
- **Jer. 34, 8-9** : “O rei Sedecias fez um pacto com o povo de Jerusalém, para proclamar a liberdade [...] para que nenhum judeu fosse escravo do seu irmão.”
- **Mat. 18, 27** : “Levado pela compaixão, o senhor daquele servo mandou-o em liberdade e perdoou-lhe a dívida.”
- **Mat. 4, 18** : “O Espírito do Senhor está sobre mim, [...] enviou-me a proclamar a libertação aos cativos.”
- **2.ª Cor. 3, 17** : “Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade.”
- **Gal. 5, 1** : “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes, e não vos sujeiteis outra vez ao jugo da escravidão.”
- **1.ª Ped. 2, 16** : Actuai como homens livres, não como aqueles que fazem da liberdade um pretexto para a maldade.”

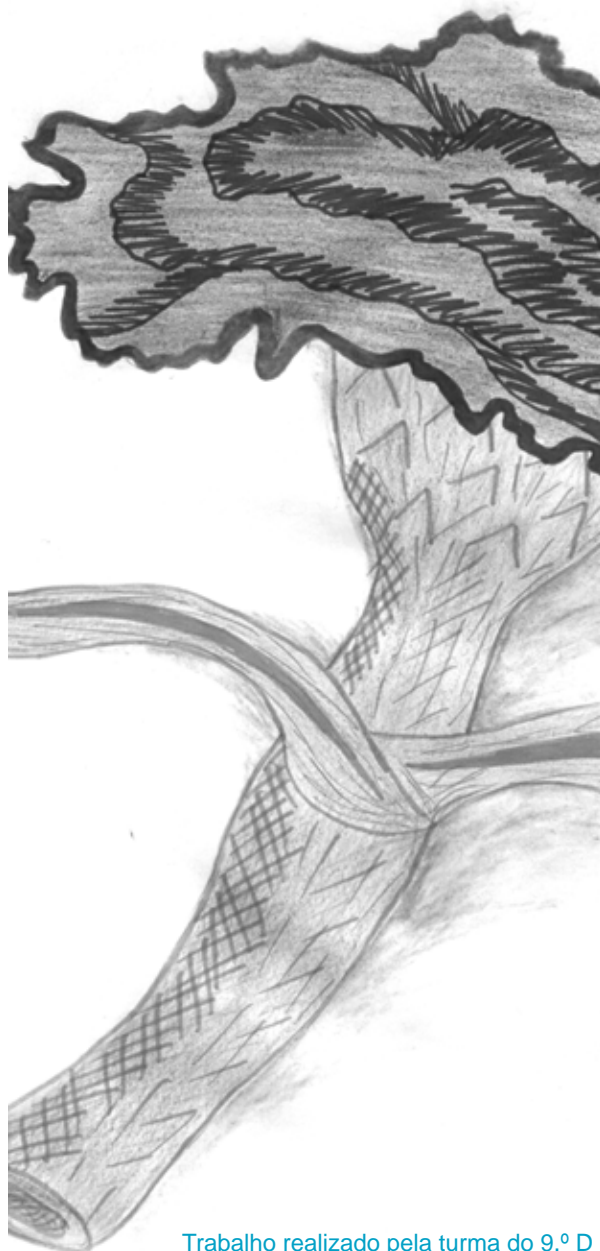
Este percurso abreviado, ao longo da Sagrada Escritura, faz-nos tomar consciência do *ambiente educativo do nosso Colégio*, enquanto Escola Católica, cuja referência máxima é o próprio Deus que não só nos indica o caminho da verdadeira liberdade, mas cria em nós, pelo Seu Espírito, as condições para a mesma liberdade.

Que todos possam aproveitar, a partir do mesmo Espírito Santo, o espaço diferente de Liberdade que as férias permitem.

Boas Férias para toda a comunidade educativa!

P.º António Felisberto
Director do Colégio da Via-Sacra

Alunos do Colégio conheceram os bastidores da «Revolução dos Cravos»



Trabalho realizado pela turma do 9.º D

No dia 20 de Março, os alunos do 9.º ano de escolaridade tiveram a oportunidade de conhecer os bastidores do golpe militar de 25 de Abril de 1974, através do testemunho do coronel Manuel Tavares. Esta iniciativa, organizada pela Câmara Municipal de Viseu, enquadrou-se nas comemorações dos trinta anos da Revolução. O testemunho que ouvimos colocou-nos em contacto com as causas e os momentos que antecederam esse importante momento da nossa história.

A guerra que mantínhamos em África foi um factor decisivo para gerar nas forças armadas um descontentamento generalizado. Tal facto, aliado aos ventos de mudança que já se faziam sentir um pouco por todos os sectores da sociedade, desencadeou a acção dos militares que viria a culminar com o golpe de estado e o derrube do regime autoritário que vigorava no nosso país. No final, alunos e professores levantaram algumas questões e dúvidas. Ficámos a saber como era o dia-a-dia das pessoas em geral, desde as limitações impostas à imprensa, ao pensamento político e à livre expressão de ideias. No fundo, aprendemos o que custou a Liberdade.

Pedro Santos, 9.º A



ABC do teatro participa no V Festival de Teatro Jovem

Na noite do dia 10 de Maio, o Clube de Teatro do nosso Colégio participou no V Festival de Teatro Jovem, realizado pela Câmara Municipal de Viseu. Professores, pais e alunos encheram o Auditório Mirita Casimiro para assistirem ao desempenho dos nossos pequenos actores na representação de “Crispim, O Grilo Mágico”.

A peça conta a história de um menino pobre e desempregado, o Serafim, interpretado pelo Guilherme do 7.º A, que encontra um grilo mágico que fala, o Crispim, interpretado pelo André do 8.º C. O grilo vai ajudar Serafim a arranjar fortuna, mas mais importante ainda, a conquistar o coração da sua amada, Palmira (Carolina do 7.º B).

Mas, nem tudo são rosas! Serafim vai ter de enfrentar a cobiça e a inveja de Golias, um advogado sem escrúpulos, interpretado por Cristiano do 9.º D, que vai fazer de tudo para roubar Crispim e conseguir a mão de Palmira. No enredo desta peça, encontramos personagens caricatas, como Inácia (Joana Santareno do 7.º B) e Benta, interpretada por Sabrina do 7.º A, duas beatas da terra que vão dar vivacidade à história.

O Clube de Teatro agradece a colaboração de todos quantos participaram na elaboração deste projecto.

ABC do Teatro

Turma do 5.º C oferece bonecos à pediatria do Hospital de Viseu



A turma do 5.º C desenvolveu uma unidade de trabalho em que foi explorada a vertente da comunidade, construindo brinquedos (bonecos de pano), com o intuito de posteriormente serem oferecidos a uma instituição social.

Com este objectivo pretendia-se alcançar duas vertentes: a primeira era sensibilizar os alunos para o facto de existirem crianças monetariamente mais carenciadas, não tendo por isso a possibilidade de adquirir qualquer tipo de brinquedos; a segunda, permitir aos alunos desenvolver as suas capacidades criativas, técnicas e expressivas.

Após a sua concretização, os bonecos foram oferecidos ao Serviço de Pediatria do Hospital Distrital de Viseu. Tratou-se, sem dúvida, de uma iniciativa louvável e uma experiência enriquecedora para os jovens alunos do 5.º C.

Professores estagiários de EVT

Exposição "Caras e Cores de África"

A turma do 8.º B realizou, no passado dia 31 de Março, a exposição "Caras e Cores de África". Este evento, orientado pelo professor Paulo Costa e organizado no âmbito da disciplina de Formação Cívica, teve como objectivo demonstrar a todos os alunos e professores do Colégio da Via-Sacra que África é um continente pobre, mas rico em culturas e tradições. Esta exposição, elaborada com imagens alegres e de sofrimento, retratou um povo diferente mas igual ao nosso. Os artesanatos africanos que completavam a exposição foram dignos da admiração geral.

Alunos do 8.º B





Desporto Escolar

No presente ano lectivo, o Colégio da Via-Sacra participou nos quadros competitivos do Desporto Escolar nas modalidades de Andebol, nos escalões de Infantis, Iniciados e Juvenis Masculinos; no Futsal, nos escalões de Infantis Masculinos e Iniciados Masculinos e Femininos; no Ténis de Mesa, nos escalões de Iniciados e Juvenis Masculinos e Femininos.

O desempenho dos nossos alunos foi bastante positivo, pois estiveram sempre em destaque nas competições onde participaram. Se no aspecto puramente desportivo tudo correu de feição, o mesmo se pode dizer dos momentos de convívio, amizade e união que se proporcionaram ao longo do ano. Não poderíamos deixar de realçar a excelente prestação das alunas no escalão juvenil de Ténis de Mesa, que não se fizeram rogadas e arrebataram os quatro primeiros lugares na fase do CAE de Viseu, conseguindo o apuramento por equipas para a fase regional.

Seguem-se as classificações obtidas pelas equipas do Colégio nos diversos escalões e modalidades.

Ténis de Mesa

Classificações por Equipas

Iniciados femininos – 1.º lugar (apurados para a fase regional)

Juvenis femininos – 1.º lugar (apurados para a fase regional)

Iniciados masculinos – 1.º lugar na série B; finalista vencido no apuramento para a fase regional

Juvenis masculinos – 2.º lugar na série B

Classificações Individuais

Iniciados femininos – 2.º lugar - Marta Almeida; 6.º lugar - Ana Catarina

Juvenis femininos – 1.º lugar - Carina Santos; 2.º lugar - Patrícia Santos; 3.º lugar - Ana Luís; 4.º lugar - Diana Ferreira

Iniciados masculinos – 4.º lugar - João Soares

Andebol

Infantis masculinos (séries) – 1.º lugar // (inter-escolas) – 1.º lugar

Iniciados masculinos (séries) – 2.º lugar na série A; 3.º lugar na fase final // (inter-escolas) – 3.º lugar

Juvenis masculinos (séries) – 4.º lugar // (inter-escolas) – 1.º lugar

Juvenis/juniores (inter-escolas) – 4.º lugar

Futsal

Infantis masculinos – 1.º lugar na série A

Iniciados masculinos – 2.º lugar na série C

Iniciados femininos – 3.º lugar na série B

Grupo de Educação Física



Classificações:

2.º Ciclo

- 1.º - João Pedro Santos, 6.º B
- 2.º - Rodrigo Andrade, 6.º B
- 3.º - Gonçalo Simões, 6.º B
- 4.º - Tiago João Figueiredo, 6.º A

3.º Ciclo

- 1.º - Guilherme Silva, 7.º A
- 2.º - José Pedro, 7.º B
- 3.º - Nuno Filipe, 8.º C

Campeonato do 2.º Ciclo-Femininos

Classificação final

- 1.º- 6.º A
- 2.º- 6.º B
- 3.º- 5.º A
- 4.º- 5.º C

Melhores marcadoras

- 1.ª Leonor, 5.º A, 13 golos
- 2.ª Mafalda, 5.º A, 10 golos
- 3.ª Ana Isabel, 6.º A, 6 golos

Torneio do 3.º Ciclo – Femininos

Meias-finais

- 9.º A vs 9.º B – 1-1
(1- 0 após grandes penalidades)
- 9.º D vs 9.º E – 1-2

Final

- 9.º A vs 9.º E – 2-2
(2- 3 após grandes penalidades)

Melhores marcadoras

- 1.ª Carina, 9.º A, 9 golos
- 2.ª Vanda, 9.º D, 6 golos
- 3.ª Graça, 9.º E, 5 golos



A Desportiva Viseense, Lda

Artigos para Desporto

Lojas:

Av. Alberto Sampaio, 58-61
Telef. 232 437 208
3510-030 VISEU

DESPORTIVA II

Rua Direita, 98
Telef. 232 435 174
3500-115 VISEU



SHAVAN SPORT

Rua Alexandre Herculano, 325
VISEU
www.shavan-sport.com

Adidas	Lois	Sanjo	Bad Boy	No Fear	Diadora
Scorpion Bay	Lotto	Fila	Asics	Rucanor	
Playlife	Killer Loop	Banana Moon	Remate		
Vantagem	Penalty	Maui and Sons	Benfica		

Torneio de Futebol de Primavera



Campeonato-Masculinos

2.º Ciclo

Classificação final

- 1.º- 6.º A
- 2.º- 6.º B
- 3.º- 5.º B
- 4.º- 5.º C
- 5.º- 5.º A

Melhores marcadores

- 1.º André, 6.º A, 25 golos
- 2.º Rui Pedro, 5.º C, 11 golos
- 3.º Luís, 6.º A, 10 golos

3.º Ciclo

Meias-finais

- 9.º A vs 9.º E – 13-2
- 9.º D vs 9.º B – 5-3

3.º e 4.º lugares

- 9.º E vs 9.º B – 2-2
(1-3 após grandes penalidades)

Final

- 9.º A vs 9.º B – 5-3

Melhores marcadores

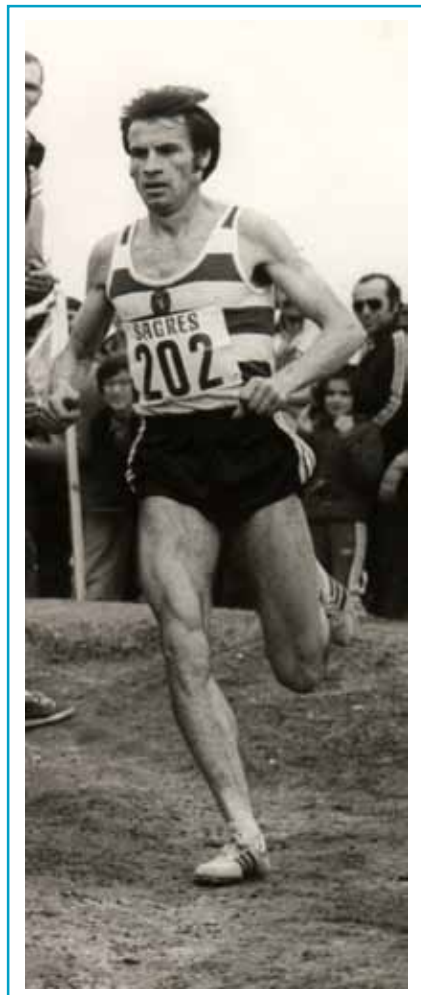
- António, 9.º A - 40 golos
- David, 9.º B - 11 golos
- Tiago Moita, 9.º B - 9 golos

Carlos Alberto de Sousa Lopes nasceu no ano de 1947, na aldeia de Vildemoinhos, bem próxima de Viseu. Desde cedo no Lusitano, o clube da terra que o viu despontar para o desporto, demonstrou a sua vocação para o atletismo. A sua carreira, verdadeiramente notável, plena de vitórias, consagrou-o como um dos símbolos nacionais e, naturalmente, como a figura mais emblemática da cidade de Viseu. No nosso Colégio, inclusive, existe uma sala em sua homenagem, a Ludoteca Carlos Lopes.

Depois de alguns êxitos com o emblema do Lusitano, surge-lhe em casa, no decurso do ano de 1967, um emissário do Sporting Clube de Portugal. Estava dado o mote para um percurso desportivo, nacional e internacional, a todos os níveis invejável. 1976 é o ano em que vence, pela primeira vez, uma competição internacional: o Campeonato do Mundo de Corta-Mato. A partir daí, o seu desempenho ao mais alto nível projecta-o como o maratonista mais completo de todos os tempos. O ponto mais alto seria atingido com a vitória na maratona dos Jogos Olímpicos de 1984, na cidade de Los Angeles, e o estabelecimento da marca olímpica que até agora não foi batida.

Nesse mesmo ano, é eleito o melhor desportista mundial, e o Rei de Espanha, D. Juan Carlos, atribui-lhe a Grã Cruz da Ordem do Infante. No ano de 1985, já com 38 anos, granjeia o título de Campeão do Mundo de Corta-Mato e estabelece um novo record do mundo na Maratona de Roterdão.

A *Ecos*, perante a proximidade dos Jogos Olímpicos, no ano em que eles regressam às origens, Atenas, não perdeu a oportunidade de ouvir Carlos Lopes. Esperamos que, nesta entrevista, as suas palavras possam ajudar a incutir nos jovens de hoje o valor do esforço e da dedicação, fundamentais para o sucesso.



ECOS da Via-Sacra - Fale-nos um pouco da sua juventude em Vildemoinhos e da forma como nasceu o gosto pelo desporto e particularmente pelo atletismo.

Carlos Lopes - Foi uma juventude igual à de todos os jovens das aldeias dos arredores de Viseu. Tudo se fazia para criar momentos de distração e de convívio. O desporto, em particular a prática do atletismo nasceu precisamente do gosto de correr

mais que os outros.

Surgiu, então, a equipa do Lusitano de Viledemoinhos, na qual começámos a ganhar por equipas.

As vitórias deram-nos

mais força moral para continuar. Éramos uma família. Foi bonito.

EV - Como é que a sua família reagiu perante a vocação pelo desporto?

CL - A família reagiu muito bem, porque comecei por ganhar provas em que participava, e isso ajudou imenso.

EV - O que sentiu quando o Sporting o veio buscar à aldeia de Vildemoinhos? Como se processou esse salto para um grande clube?

CL - A ida para Lisboa foi uma grande alegria — porque era sportinguista — e significava uma oportunidade única para a minha realização pessoal. Os dirigentes do Lusitano tiveram um papel importante, não impondo obstáculos à minha partida para a capital.

EV - As diferenças entre Viseu e Lisboa eram naturalmente muitas. A mudança foi difícil?

CL - Diferenças houve de facto algumas, nomeadamente na alimentação, ambiente e transportes: tudo era muito longe e difícil. Mas nunca fui de fugir às minhas responsabilidades. Aguardei tudo, porque a minha ambição era ainda maior.

EV - De que forma conjugou o trabalho com os treinos para a alta competição?

CL - A sua conciliação foi muito complicada nos primeiros anos. Levantava-me muito cedo e os treinos eram muito tarde, mas a vontade era muita, e tudo superei com alegria, com determinação e com gosto pela corrida.

EV - Que diferenças encontra actualmente nas condições de treino de um atleta?

CL - As diferenças de treino são muitas. A informação técnica e as ciências do desporto sofreram grande evolução nos últimos anos. Penso até que as minhas vitórias ajudaram, ainda que modestamente, a uma maior informação sobre o desporto em Portugal. Ser campeão olímpico não está ao alcance de todos.

EV - Lembra-se da sua primeira vitória numa grande competição? É capaz de nos descrever o que sentiu?

CL - A minha primeira vitória numa grande competição foi no Campeonato do Mundo em 1976. Todo o mundo ficou surpreendido pela forma fácil como ganhei. Mesmo eu tive dificuldade em

“Não façam do desporto uma forma de vida, mas sim de convívio e prazer, porque a formação académica é muito mais importante e será sempre o guia do futuro.”

explicar tudo. Essa vitória facilitou mais tarde a minha tarefa nos Jogos Olímpicos de Montreal. Valeu a pena todo o trabalho feito em 1976.

EV - Recorda-se de algum momento particularmente difícil na sua carreira? Como o superou?

CL - *1977 foi o ano do Campeonato do Mundo de Cross. Sentia já grandes dificuldades, devido a problemas no tendão de Aquiles. Depois do Campeonato, parei cerca de três anos. Deram-me como acabado para o atletismo. Fiz uma travessia no deserto, mas ganhei nova forma de estar na modalidade. Aprendi muito e fiquei a saber quem eram de facto os amigos.*

EV - Os Jogos Olímpicos de 1984, realizados em Los Angeles, foram sem dúvida um grande momento para si, para a sua família, para Portugal e para o mundo des-

portivo. Gostaríamos que nos falasse desse momento: das dificuldades, dos apoios que antecederam a vitória e das reacções que se seguiram.

CL - *Ser campeão olímpico foi, sem dúvida, o mais marcante de toda a minha história desportiva, assim como da história de Portugal no mundo do desporto. Naturalmente, senti muitas dificuldades. Os apoios que tive foram quase exclusivamente do Sporting, instituição que sempre apostou forte no*

atletismo, através do homem forte e técnico do clube, o professor Moniz Pereira.

EV - Gostaria de destacar alguma pessoa do mundo do desporto que tenha contribuído decisivamente para a sua formação enquanto homem e desportista?

CL - *Três pessoas a destacar: o professor Sarmento de Viseu, Raimundo Mendes do Sporting, e o professor Moniz Pereira, de todos o mais conhecido no mundo do desporto. Valeu a pena conhecer cada um deles.*

EV - Que esperanças tem em relação ao desempenho dos atletas portugueses nos Jogos Olímpicos de Atenas?

CL - *Tenho esperança numa grande representação e num grande desempenho de todos os atletas portugueses em Atenas. Quanto a medalhas, essas são muito difíceis. Vamos aguardar.*

EV - Que mensagem pretende deixar aos nossos jovens alunos e em

especial àqueles que ambicionam por uma carreira no mundo do desporto?

CL - *Pretendo deixar-lhes esta mensagem: Pratiquem um desporto! Não façam do desporto uma forma de vida, mas sim de convívio e prazer, porque a formação académica é muito mais importante e será sempre o guia do futuro. Eu nunca deixei de trabalhar e nunca deixei de fazer grandes resultados a nível mundial. É apenas um alerta para todos os jovens.*



Sonhei....

Sonhei que acordava numa praia
Cheia de areia brilhante
Com o mar transparente
E um sol radiante

As ondas eram pequenas
A areia estava quente
E a brisa fazia frente
A quase toda a gente

Joana Filipa 8.º B

Férias de Verão

Das férias de Verão,
Ai que saudades eu tenho!
De ir a correr para a praia
E tomar um bom banho!

Férias de Verão,
Que mais queriam ter?
É a melhor coisa
Para a escola esquecer.

Ficamos todos contentes
Com a chegada do Verão:
Mar, sol, calor,
Não há nada melhor!

As férias de Verão
Vamos aproveitar,
Porque logo depois:
A escola irá começar.

Andreia Figueiredo, 8.º C



Um amigo...

Quando me sinto triste,
Tenho sempre alguém que me
pode ajudar,
Um amigo de perto, um amigo de
longe,
Um amigo que está sempre
guardado no coração.

Um amigo sabe ouvir,
Um amigo é alguém que devemos
preservar,
Pois é com ele
Que sempre podemos contar.

Magda Isabel, 8.º C

Noite Sincera

A luz do mar
Ilumina-me através
Da escuridão da noite.
Pensando em te amar
Soltam-se palavras
E o tempo pára
Para me ouvir pensar.
Tento seguir o coração...
Mas, cheio de incertezas,
Não dá para ouvir.
Os meus pensamentos
Lembram-me teu rosto,
Olhando para mim a sorrir.
O teu nome faz-me estremecer,
E o meu coração começa a acelerar...
Será que estou a enlouquecer
Ou será que me estou a apaixonar?



Joana Carolina, 8.º B

A aventura do Senhor Desastrado

Certo dia, o Senhor Desastrado, como era conhecido, resolveu mudar de aldeia, pois ele constantemente provocava desastres e, por isso, todos o odiavam. Seguiu caminho pela floresta, onde pôs os animais todos em alvoroço devido aos acidentes que provocava. As pessoas da aldeia, conhecedoras do assunto, resolveram montar-lhe uma armadilha para ver se o aprisionavam e, desse modo, impediam que ele provocasse mais acidentes. Depois de tanto trabalho, a armadilha estava pronta, mas de nada valeu, pois o Senhor Desastrado perdeu-se e optou por um caminho diferente, safando-se, sem querer, da armadilha.

Os dias passavam e o cansaço de tanto caminhar era cada vez maior. Sentia-se mais só e, à noite, olhava constantemente para as estrelas e perguntava a si próprio:

— Por que é que não posso voar? Se pudesse, iria ter com as estrelas.

Mas, numa noite de brisa fresca, no escuro céu, viu uma luz fora do comum. Nesse mesmo instante, reparou que a luz se aproximava cada vez mais. Pouco tempo depois, estava perante um ser muito estranho que nunca tinha visto ou ouvido falar. O ser levou-o a visitar o longínquo espaço onde o Senhor Desastrado há muito tempo desejava ir...

Quando regressou, como que por magia, começou a prestar mais atenção aos outros, o que o tornou num homem mais feliz. Contudo, não quis voltar para a aldeia, porque lá não tinha amigos. Por esta razão, foi viver para a cidade. Lá tornou-se uma pessoa muito conhecida, graças à solidariedade que tinha para com os outros, principalmente para com os mendigos.

Foi assim a mudança do Senhor Desastrado, que se tornou num ser mais solidário e prudente.

João Miguel, 5.º B



Sonhei...

Sonhei em tempos
Poder num palco dançar
E uma bailarina ser,
Para todos encantar.

Mas, esse sonho ultrapassei.
Quis de animais tratar,
Pois veterinária foi o que desejei
E de animais sempre gostei.

Mas depois de pensar,
Em cantora me imaginei.
Como não sei cantar,
De ideia mudei.

E ao longo dos anos
Eu estive a imaginar
Qual seria a profissão
Que iria realizar.

Foi então que decidi
Em actriz me transformar,
Mas fui obrigada a desistir,
Pois futuro não me iria dar.

Os tempos mudaram
E os sonhos também.
E agora! o que serei?
Não sei....

Joana Carolina, 8.º B

O Labirinto da Vida

A vida é como um labirinto,
Nunca sabemos o caminho certo:
Há obstáculos e precipícios,
Um temível futuro incerto.

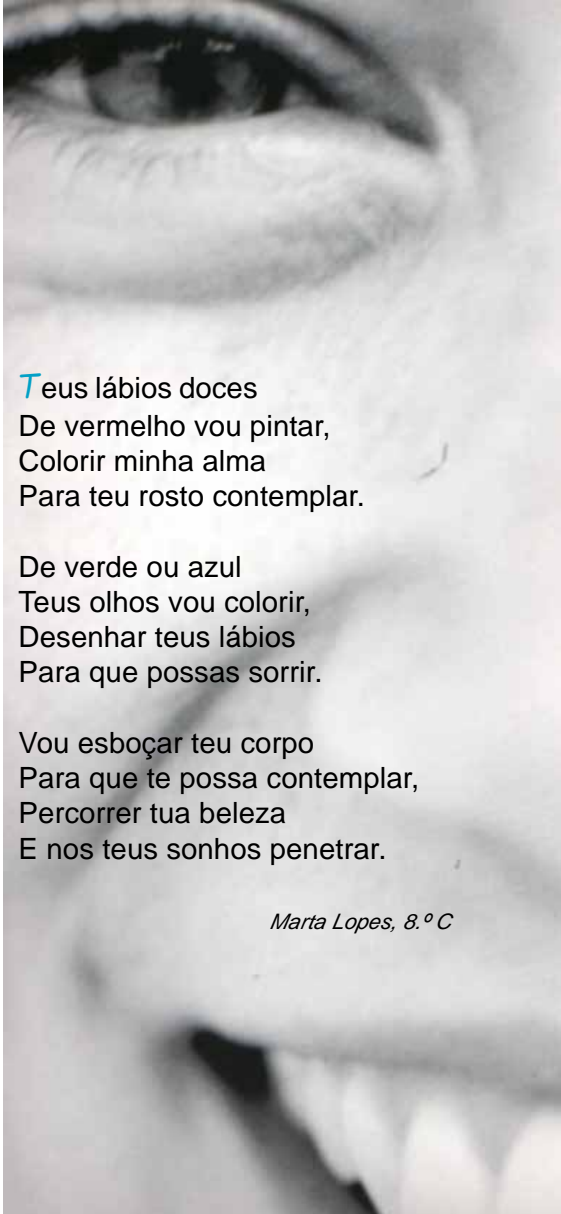
Pressentimos o perigo,
Sem nunca para trás olhar,
Pois o passado vivido
Jamais se poderá apagar.

Um colossal acontecimento
É como um furacão,
Pois altera o principal sentimento,
Que habita o coração.

Esse sentimento é o amor
Do qual não consegues escapar,
Pois, se algum dia te apanhar,
Nunca irás conseguir regressar.

Esse sentimento é...
O único que move montanhas,
Que altera o rumo de todas as vidas,
Mesmo das mais estranhas.

Melissa Figueiredo, 8.º C



Teus lábios doces
De vermelho vou pintar,
Colorir minha alma
Para teu rosto contemplar.

De verde ou azul
Teus olhos vou colorir,
Desenhar teus lábios
Para que possas sorrir.

Vou esboçar teu corpo
Para que te possa contemplar,
Percorrer tua beleza
E nos teus sonhos penetrar.

Marta Lopes, 8.º C

Liberdade: da semente à vida

Somos livres como o Sol do dia
E livres como as estrelas da noite
E somos livres quando não há Sol,
nem Lua, nem estrelas...
Somos livres quando fechamos os
olhos ao mundo!
A liberdade termina no infinito:

Oceanos e mares,
Ondas sem fim...
Liberdade de sonhar
Com um mundo assim!

Livre, livre é o vento...
Que percorre todos os vales e
montes;
Livre é a água
Que nasce em todas as fontes.

Livre é o pensamento
Que voa pela imaginação;
Livre é o sentimento
Que brota do coração.

Livre é a semente que germina...
Que cresce e amadurece
E se torna na vida:
Vida a crescer!

Vilma Silvestre, 8.º A



A Escola Aprender a Crescer...

Na escola, e citando Daniel Sampaio, *“não se estuda apenas, vive-se em permanente contacto com colegas e professores, num jogo de interações extremamente rico, que pode levar ao bem-estar ou pelo contrário ser fonte de inúmeros problemas psicológicos”*. (Sampaio, 1997)

É na escola que crianças e adolescentes passam grande parte do dia, tornando-se assim um lugar de extrema importância para o desenvolvimento da criança e/ou adolescente. A escola é, pois, um espaço privilegiado onde os jovens podem falar, ser ouvidos, esclarecer dúvidas, reflectir, crescer!

De facto, a escola não é só o estabelecimento onde se ensina. É, fundamentalmente, um espaço de relações (de crianças e adolescentes

uns com os outros, com os adultos, da escola com a família, da escola com a sociedade em geral). É todo este envolvimento relacional que torna a escola tão particular...

Talvez por isso, no final de cada ano, apesar do cansaço, somos invadidos por sentimentos e emoções difíceis de pôr no papel... Um misto de saudade (muitos deles já não voltam), de alegria (chegaram ao fim de mais uma etapa), de receio e de angústia (o novo caminho que se enceta), de orgulho (participam, triunfam). Ao longo do ano caíram, choraram, lutaram, mas penso que conseguiram soltar-se a voar; voar para crescer em liberdade!

Sofia Pereira,
Psicóloga

O Olimpismo

A maior manifestação desportiva, no virar do século XIX para o século XX, foi a reconstituição dos Jogos Olímpicos, no ano de 1896, em Atenas, na Grécia. O grande impulsionador dos Jogos Olímpicos foi Pierre de Coubertin (1863-1937), aristocrata francês, intelectual e humanista.

O perfil vocacional pedagógico de Pierre de Coubertin impulsionou-o a valorizar o desporto como um elemento básico na formação do indivíduo, afirmando que a sua prática não devia ser considerada *“como um objecto de luxo, nem uma actividade para ociosos, nem sequer uma compensação muscular ao trabalho cerebral. É, definitivamente, património de todos por igual e a sua ausência não pode substituir-se por nada.”*

A celebração dos Jogos Olímpicos foi valorizada por Coubertin como o elemento mais destacado e notório do **Olimpismo**. *“Os Jogos Olímpicos – dizia em 1906 – não são uns simples Campeonatos Mundiais, mas uma autêntica festa quadrienal da “primavera humana”, a festa dos esforços apaixonados, das ambições múltiplas e de todas as formas de actividade juvenil de cada geração, que aparece no limiar da vida”.*

A sua definição de Olimpismo tinha quatro princípios que eram bem distintos de uma simples competição desportiva:

- Ser uma religião: aderir ao ideal da busca de uma vida superior, procurar perfeição.
- Representar uma elite, cujas origens são iguais e demonstram qualidade moral.



- Criar o maior festival de Verão da história do homem.
- Glorificar a beleza do envolvimento na filosofia e arte dos jogos.

Como símbolo de paz e de união dos povos dos cinco continentes, foi instituída, em 1920, nos Jogos Olímpicos de Anvers, na Bélgica, a bandeira olímpica: *“Estes cinco anéis, azul, amarelo, verde, vermelho e negro, representam as cinco partes do mundo unidas em frente do Olimpismo e prestes a aceitar fecundas rivalidades.”* Além disso, as seis tonalidades combinadas (compreendendo também o fundo branco) representam as cores das bandeiras de todas as nações sem exceção.

Em 1928, foi introduzida outra tradição nos Jogos Olímpicos de Amsterdão, na Holanda: a **chama olímpica**, que arde enquanto duram os jogos. Em 1936, também pela primeira vez, foi transportado o facho olímpico por atletas que se sucediam ao longo do percurso, desde Olímpia, na Grécia, até Berlim, na Alemanha.

Definir o “espírito”, seja ele qual for, não é tarefa muito simples. Mas o “espírito olímpico” tem algumas características fáceis de apontar. Uma delas, com certeza, é o desejo de superação.

Ao longo de toda a sua vida, os atletas empenham-se em desafiar os seus próprios limites e em estender a capacidade da raça humana. O objectivo é serem “mais rápidos”, irem “mais alto” e serem “mais fortes” (o lema olímpico *“CítiuS, altiúS, fortiúS”*).

O desporto em geral e o Olimpismo em particular são hoje fenómenos de âmbito cultural e social com importância à escala planetária.

Mesmo os que não se interessam nem seguem os acontecimentos desportivos, dada a presença maciça nos órgãos da Comunicação Social, especialmente nos audiovisuais, não ignoram os factos mais importantes e não deixam de, em algum momento, acompanhar os eventos mais importantes, nomeadamente os Jogos Olímpicos.

O Olimpismo é um estado de espírito, uma filosofia que engloba uma concepção particular do desporto moderno. Ao propagar-se, o desporto contribuiu para o desenvolvimento do indivíduo e da humanidade em geral. A filosofia olímpica, para além da sua essência eminentemente pacifista, busca o estabelecimento de relações internacionais de cordialidade. Os ideais do Olimpismo são a participação em massa, o papel educacional do desporto, o espírito desportivo, o intercâmbio cultural e a excelência.

Saudações Desportivas!!!

Prof. Pedro Figueiredo

Impressões de cinco anos, vividas e sentidas no Colégio



Nestes cinco anos, aprendemos a crescer com sentido de responsabilidade. A criança ingénuu deu lugar aos jovens que somos, jovens cheios de vontade de enfrentar a vida e o futuro que nos espera para lá das paredes desta casa. Ano após ano, entre alegrias e tristezas, medos, inseguranças e erros, o Colégio ajudou-nos a ultrapassar uma etapa tão difícil das nossas vidas. Esta casa foi para nós um espaço de aprendizagem, de responsabilidade, de convívio, de crescimento e de amadurecimento.

A turma do 9.º A

Cinco anos inesquecíveis passámos nesta casa, convivendo com esta família. Como em todas as famílias, problemas não faltaram, mas, quando reflecto, vejo que esses problemas me foram úteis. Ajudavam-me a ser mais responsável a cada dia que passava. Devo muito ao Colégio da Via-Sacra. É com saudade que vou ter de partir.

Pedro Santos, 9.º A

Falar do tempo que frequentámos o Colégio é falar duma parte muito importante das nossas vidas. Habitualmente, diz-se que as coisas boas passam depressa. De facto, assim aconteceu, pois estes cinco anos passaram a voar. Entrámos como miúdos ingénuos, conhecemos outros colegas, professores e funcionários que fizeram com que a nossa personalidade começasse a mudar à medida que crescíamos. Agora, ao fim de cinco anos, reparamos que também estamos mais adultos, mais sérios e que nos compete ultrapassar com sucesso esta etapa, para nos prepararmos para o futuro que aí vem.

Fábio Santos, 9.º A

Nesta casa amarela de pedras frias,
São muitas as memórias que não posso esquecer,
Os medos de quando era pequenina
E os sonhos que fui realizando.
Agora desejo “voar” para outra escola,
Mas não quero esquecer o ninho,
Pois o mundo lá fora não vai ser tão fácil
como anseio.

Francisca Palhares, 9.º A



As duas guerras que destruíram a Europa na 1.^a metade do século XX deram lições importantes. Alguns políticos europeus tomaram consciência de que era necessário construir uma união entre os países europeus com a finalidade de colaborarem estreitamente para a paz e o desenvolvimento.

O primeiro passo para a criação da União Europeia foi dado por Robert Schuman, ministro francês dos Negócios Estrangeiros, que, na sua declaração de 9 de Maio de 1950, propôs a criação de uma associação para a produção e consumo do carvão e do aço. Nasceu assim a CECA em 1951, que envolveu os países da França, Alemanha, Itália e os três países da Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo).

Em 1957, os seis países da CECA assinaram em Roma um tratado que instituiu a CEE (Comunidade Económica Europeia), que criou um mercado comum, através do qual passaram a ser abolidas as taxas para a circulação de mercadorias, pessoas e capitais.

Em 1993, assinou-se o Tratado de Maastricht. Este Tratado foi uma autêntica reforma aos tratados de Roma onde se alterou inclusivamente o nome da Comunidade (deixou de ser CEE e passou a ser UE). Este tratado fixou algumas ideias, como a criação de uma moeda única (Euro) e a instituição de uma verdadeira cidadania europeia, permitindo a todos os cidadãos, mesmo não sendo nacionais, votar nas eleições municipais e europeias dos países onde residem.

O Alargamento da União Europeia



A adesão a esta comunidade foi faseada: em 1957, a Europa dos seis (França, Alemanha, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo); em 1973, a Europa dos nove (Reino Unido, Irlanda, Dinamarca); em 1981, a Europa dos dez com a adesão da Grécia; em 1986, a Europa dos doze com as adesões de Portugal e Espanha; em 1995, a Europa dos quinze com as adesões da Áustria, Finlândia e Suécia; em 2004, a Europa dos vinte e cinco com a adesão da Polónia, Lituânia, Letónia, Estónia, República Checa, Eslováquia, Hungria, Eslovénia, Chipre e Malta.

Os efeitos benéficos do processo de integração e da criação do mercado comum não se estenderam a todas as regiões e sectores de actividade, registando-se ainda desequilíbrios a

nível regional. Esta situação exige um esforço de solidariedade comunitária que procure reduzir os desequilíbrios, tendo sido criados diversos fundos estruturais. São exemplos destes fundos a PAC, FEDER e FSE. As verbas que têm sido transferidas através destes fundos estruturais constituem, assim, instrumentos de desenvolvimento das regiões em atraso, ajudando na reconversão das zonas industriais em declínio, na inserção profissional dos jovens e na modernização das estruturas agrárias.

Sabias que...

Em 2007 vai haver uma nova adesão?!

Alunos do 9.º B

No próximo ano lectivo, vai aparecer uma nova disciplina de carácter obrigatório, com avaliação quantitativa, no nono e décimo anos de escolaridade, com o nome de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), constituindo uma componente do plano de estudos do nosso Sistema Educativo, tendo em vista a formação global de cada cidadão nesta nova realidade do quotidiano.

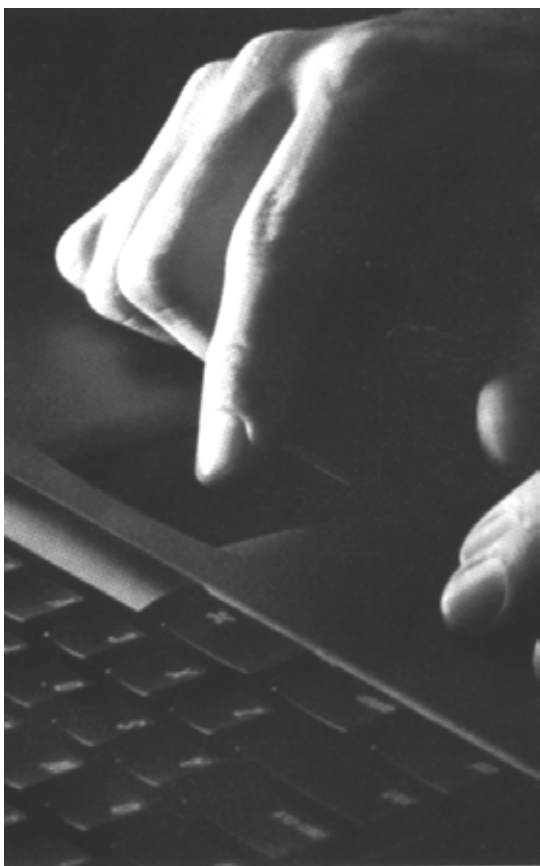
Todos nós já lidamos com as novas tecnologias há alguns anos a esta parte, sem nunca nos termos apercebido, uma vez que sempre fomos associando as novas tecnologias ao uso dos computadores e, como tal, a algo destinado à geração mais nova. Estas ideias estão, na verdade, desactualizadas. Basta verificar que quase toda a gente tem um cartão multibanco e já utilizou uma das milhares de caixas espalhadas pelo mundo fora. Pois então já não se deve sentir um "infoexcluído", palavra criada nos finais da década de noventa, uma vez que já trabalha com um computador: um teclado onde marca o código, escolhe a tarefa a realizar, verifica os dados no monitor, manda imprimir recibos numa impressora, ordena à máquina que lhe dê dinheiro, se tiver saldo; utiliza a internet para actualizar as suas contas na própria hora. Realizamos estas tarefas vezes sem conta, no nosso dia-a-dia, sem nos apercebermos que estamos a utilizar um computador.

Mas, então, as novas tecnologias da informação e comunicação serão só isto? É apenas isto que irá ensinar-se? Se atendermos à palavra TIC's, verificamos que, em menos de cinco anos, observámos uma evolução de tecnologias da informação (TI) para tecnologias da informação e comunicação — o conjunto integral dos procedimentos (tecnologias) que permitem o tratamento genérico da informação por via da informática, nomeadamente na sua edição, criação, procura e distribuição em termos de rede.

Assim, as TIC's englobam, para além da informática propriamente dita, áreas como a da burótica (uso das TIC's no escritório – do francês Bureau), a da telemática (combinação das telecomunicações com a informática), a do controlo e da automação (processos de produção industrial controlados por meios informáticos), a da domótica (as TIC's na gestão da casa), a da biometria (medir de forma digital características físicas), entre outros ramos.

Deste modo, e para o ano lectivo de 2004/2005, o programa do nono e do décimo anos será o mesmo, uma vez que os alunos que vão para o décimo ano ainda não tiveram contacto com esta disciplina no ano que terminaram. No nono ano, esta disciplina terá um bloco de noventa minutos; no décimo, dois blocos de noventa.

Tecnologias da Informação e Comunicação



O programa da disciplina pressupõe que exista uma sala equipada com catorze computadores, um servidor, uma impressora, um projector de vídeo e três webcams, e o programa para o nono ano tem três unidades essenciais no âmbito das Tecnologias da informação e Comunicação: a primeira prende-se com a explicação da estrutura básica e do funcionamento de um computador, do sistema operativo em ambiente gráfico e da navegação na internet; a segunda unidade será voltada para o processamento de texto; e a terceira, para a criação de apresentações. Nas unidades alternativas, teremos o sistema operativo Linux, a folha de cálculo e a criação de páginas web.

Com a nova disciplina, colocam-se grandes questões, às quais só o tempo poderá responder. Adivinham-se, contudo, desde já algumas situações complexas, como, por exemplo, a heterogeneidade das turmas face à utilização do computador — alunos com e sem acesso, em casa, ao computador e à internet — ou o excessivo número de alunos por sala.

Prof. Cláudio Magno



Seguiam num carro três engenheiros: um electrotécnico, um electrónico e um informático. À uma dada altura, o carro foi a baixo e não quis pegar mais. O engenheiro electrónico diz:

- Isso é da ignição electrónica.

O electrotécnico:

- Isso é da bateria.

O informático:

- Vamos sair do carro, voltar a entrar e ligar a chave.

ARISTIDES DE SOUSA MENDES

(19.07.1885 – 03.04.1954)

Em memória do homem que salvou milhares de judeus durante a 2.^a Guerra Mundial

Aristides de Sousa Mendes nasceu na localidade de Cabanas de Viriato, a 19 de Julho de 1885. Após a licenciatura em Direito na Universidade de Coimbra, inicia a carreira diplomática. Depois de missões em várias partes do mundo, acaba transferido para Bordéus, em 1 de Agosto de 1938. É aqui que ocorre o *acontecimento* que vai marcar o seu nome nas páginas da história.

Em 1940, a França foi invadida pelas tropas nazis, o que levou a que milhões de refugiados, sobretudo judeus, acoressem ao sudoeste francês, na ânsia de passarem para Espanha e fugirem aos horrores da Alemanha nazi, algo só possível com visto para Portugal. Contrariando ordens de Salazar, que tinha ordenado para não serem passados vistos a judeus e antifascistas, Aristides de Sousa Mendes lavra milhares de vistos, salvando outros tantos seres humanos de morte certa. A sua compaixão por estes homens e mulheres era tal que a sua própria residência de Bordéus estava apinhada de refugiados que se tinham acolhido debaixo do seu tecto. Daqui partiam para Portugal, permanecendo na sua casa de

Cabanas de Viriato até conseguirem embarcar para outros continentes.

Como alguém escreveu, Sousa Mendes, perante o conflito entre o apelo ao dever e o apelo da consciência, seguiu a sua consciência e desobedeceu às instruções do

seu Governo. Sousa Mendes era um homem de princípios. Assim, quando milhares de vidas humanas na Europa estavam em grande perigo, ele deu prioridade ao apelo da sua consciência. Por defender os Direitos Humanos, foi expulso da carreira diplomática.

Destituído e na miséria, morre a 3 de Abril de 1954, no Hospital da Ordem Terceira, em Lisboa. Depois da sua morte, a sua casa de

Cabanas de Viriato foi vendida por causa de dívidas que não tinham sido pagas.

Após anos de esquecimento intencional, foi criada na sua antiga residência a Fundação Aristides de Sousa Mendes — presidida pela Dr.^a Maria Barroso —, que visa tornar-se num centro para a promoção dos direitos humanos. No 50.^o aniversário da sua morte, várias têm sido as iniciativas que visam apresentar a atitude de Sousa Mendes como uma lição para todos nós.

agl/



A Rosa do Egito

«A Rosa do Egito» de Álvaro Magalhães é uma história repleta de aventuras, mistérios e coincidências irreais. Joana, Jorge e Joel são três jovens amigos sempre em busca de novos desafios e aventuras. Por isso, envolvem-se numa complicada peripécia para a qual não encontram respostas. A aventura começa quando o triângulo Jota se apercebe de que uma agência funerária desvia os cadáveres durante um funeral, para depois proceder à mumificação. Posteriormente, uma sessão de intensos e imprevisíveis acontecimentos vai captar a atenção dos três amigos, que logo se prontificam a resolver o mistério.

Um túmulo secreto numa mansão abandonada, o quarto que cheira a canela e baunilha, a sociedade da rosa azul, uma fábrica de múmias, uma pirâmide invisível oculta pelo Sol, onde repousam as múmias e os incríveis tesouros, guardados nos gélidos túmulos dos faraós do futuro, constituem uma mistura explosiva que tu vais adorar experimentar e conhecer.

Melissa, 8.º C



Parabéns, Rita!

“Parabéns, Rita” é um livro da autoria de Maria Teresa Maia Gonçalves, uma das minhas autoras favoritas.

Rita, de quinze anos, entra no mundo da adolescência. Recebe de um homem uma prenda inquietante. A partir desse momento, Rita nunca mais foi a mesma. Tentou falar com a mãe, mas esta ao saber do assunto passa mal. O mundo parece voltar-se do avesso. Afinal o homem era...

E mais não conto. Não deixes de ler este livro cheio de aventuras.

Íris Rocha, 6.º A

Batalha de Aljubarrota

Será que alguém duvida
De batalha tão renhida,
Onde o povo lusitano se superou
E com todas as forças lutou?

Espreitava a morte matreira.
Qual vítima seria a primeira?
Pois o ser humano é mortal
E não passa entre fogo e metal.

Desferiam golpes as espadas
Das almas tão iradas,
Lutando pela vitória prometida
Que foi tão bem merecida!

Patrícia Marques, 9.º A

Navegadores de Portugal

**Marinheiros de água salgada,
Com muita sede de vencer,
Deixastes a vossa casa
Para Portugal engrandecer.**

**Pelo mar obscuro navegastes,
Para Portugal ser o primeiro
À Índia pelo Oceano chegar
E dominar o mar inteiro.**

**Passastes além da Madeira,
Das Tormentas e Bojador;
Na pátria ficaram
As famílias e sua dor.**

**No Índico triunfastes,
Chegando à terra da glória,
Pelo mar a Índia alcançastes,
Dando a Portugal mais uma vitória.**

Pedro Santos, 9.º A



Marinheiro Luso

É eterno o marinheiro português
Que, por mares nunca navegados,
Viu, pela primeira vez,
Maravilhosos tesouros sagrados!

Mas nunca ninguém falou
Na solidão que o assolou,
Na esperança que partilhava
E nas especiarias que procurava.

Enfrentava a doença
E também a dor.
Nada havia que vencesse
O nosso povo navegador.

Grande é o povo luso
Que enfrentou o mar
Com o espírito puro,
Para “novos mundos ao mundo dar”!

Fábio Santos, 9.º A

Cada uma de quatro pessoas dá um aperto de mão a cada uma das restantes.

Quantos apertos de mão vão ser dados?

E se fossem cinco pessoas?



Matematizando



Um tijolo pesa quatro quilos.

Quanto pesa uma miniatura desse tijolo, feita do mesmo material, e cujas dimensões sejam todas quatro vezes menores?



Para Rir...

Estou a fumar um cigarro.

Um amigo pergunta:

- Ora, ora! Mas tu fumas?
- Não, eu gosto de bronzear os pulmões.



Fui à loja comprar veneno para ratos.

- Tem veneno para ratos?
- Sim! Vai levar?
- Não, vou trazer os ratos para comerem aqui!!!



Fui ao banco para trocar um cheque.

O senhor perguntou:

- Vai levar em dinheiro???

Respondi.

- Não!!! Dê-me antes em clipes, borrachas, elásticos e afias!!!



Quando volto da margem do rio com um balde cheio de peixes, o meu amigo pergunta:

- Pescaste esses peixes todos?
- Não, estes são peixes suicidas que se afogaram no meu balde.





O Jogo do Sistema Respiratório



A - O sistema respiratório localiza-se na:

- 1 – cavidade torácica
- X – cavidade abdominal
- 2 – cavidade craniana

B - Os pulmões são um:

- 1 – tecido
- X – órgão
- 2 – sistema

C - A laringe é um órgão que liga:

- 1 – a faringe aos brônquios
- X – as fossas nasais à faringe
- 2 – a faringe à traqueia

D - O órgão por onde se pode fazer uma inspiração correcta é:

- 1 – o nariz
- X – a boca
- 2 – o nariz e a boca

E - O ar entra nos pulmões quando:

- 1 – o diafragma sobe
- X – o diafragma desce
- 2 – o diafragma não se movimenta

F - No ar inspirado, a percentagem de oxigénio é:

- 1 – maior
- X – igual
- 2 – menor

G - No ar expirado, a percentagem de dióxido de carbono é:

- 1 – maior
- X – igual
- 2 – menor

H - A hematose nos mamíferos ocorre nos:

- 1 – brônquios
- X – alvéolos pulmonares
- 2 – bronquíolos

I - A hematose na rã é:

- 1 – cutânea
- X – traqueal
- 2 – pulmonar

J - A doença provocada pelo tabagismo é:

- 1 – a tuberculose
- X – o cancro pulmonar
- 2 – a obesidade

L - É benéfico para o sistema respiratório:

- 1 – fumar
- X – viver em ambientes poluídos
- 2 – viver ao ar livre

M - Para uma boa higiene do sistema respiratório, debes:

- 1 – praticar exercício regularmente
- X – inspirar pela boca
- 2 – viver em locais pouco arejados

N - Para manter saudável o sistema respiratório, debes evitar:

- 1 – salas frescas com boa luminosidade
- X – uma vida ao ar livre
- 2 – posições que prejudiquem os movimentos respiratórios





O Jogo do Sistema Respiratório



	1	X	2
A			
B			
C			
D			
E			
F			
G			
H			
I			
J			
L			
M			
N			



Escravos de hoje...

“Escravidão” é uma palavra que nos faz pensar numa realidade algo distante, de outros tempos, de outras sociedades, de outras civilizações. Infelizmente, o termo “escravo” permanece actual e aplicável à situação de vinte e sete milhões de pessoas em todo o mundo. Um número por si só assustador, sem dúvida... Mas, pensemos no drama pessoal, em cada história de servidão que cada um destes seres humanos tem para contar. A raiz deste flagelo não está na falta de mão-de-obra, como aconteceu nas sociedades de base escravagista, que atravessaram a história até um passado bastante recente, mas sim num mundo actual onde cresce a miséria e a fome, resultantes de graves desigualdades sociais.

A crise económica de algumas regiões do mundo, como por exemplo da América Central e da Europa de Leste, originou milhares de desempregados que se viram obrigados a recorrer à imigração ilegal. Este fenómeno, característico do nosso tempo, transforma o sonho de muitos que procuram uma vida melhor, longe dos seus países de origem, em pesadelos reais, quando caem nas mãos das máfias traficantes de pessoas. Jovens raparigas, atraídas pela promessa de bons empregos, vêm-se obrigadas pela ameaça, pelo espancamento e pela suposta contracção de dívidas a entrar no mundo da prostituição. Vítimas de um verdadeiro comércio internacional de escravos são compradas e vendidas, andando de bordel em bordel, onde a rapariga tem de trabalhar para “pagar” as despesas de transporte, alimentação e

alojamento. Esta situação de escravidão por dívidas estende-se aos emigrantes mexicanos que trabalham nas grandes explorações norte-americanas de algodão e de citrinos, ou aos chineses que trabalham nas fábricas de malas italianas. Em países como o Brasil, China, Serra Leoa, Egipto, Costa do Marfim, Índia, Bangladesh, Nepal, Paquistão, os pais vendem os próprios filhos como meio de obterem rendimentos para a sua sobrevivência. Milhões de crianças trabalham nas indústrias têxteis, nas plantações de café, chá, tabaco, algodão, cacau e cana-de-açúcar, no fabrico do fogo de artifício, nas minas de diamantes Enfim, a enumeração de situações desta natureza poderia continuar por muitas mais páginas.

Em todos os países citados, o tráfico de pessoas e a sua submissão ao trabalho forçado são crimes punidos pela lei. Nos últimos tempos, tem crescido o número de organizações, quer governamentais, quer financiadas pelas Nações Unidas, que lutam contra este fenómeno, conseguindo a libertação de seres humanos das teias da escravidão. No entanto, são ainda muitas as pessoas que permanecem indefesas e sem qualquer apoio, sujeitas ao medo e distantes do mundo exterior.

A importância que o lucro económico e financeiro adquiriu numa sociedade cada vez mais violenta e desumana trouxe flagelos sociais, para os quais devemos estar todos sensibilizados.

Prof. Fernando Néilson

Ser Livre é voar

Ser livre é voar,
Voar nas asas do vento,
Ser livre de se expressar,
Ter liberdade no pensamento.

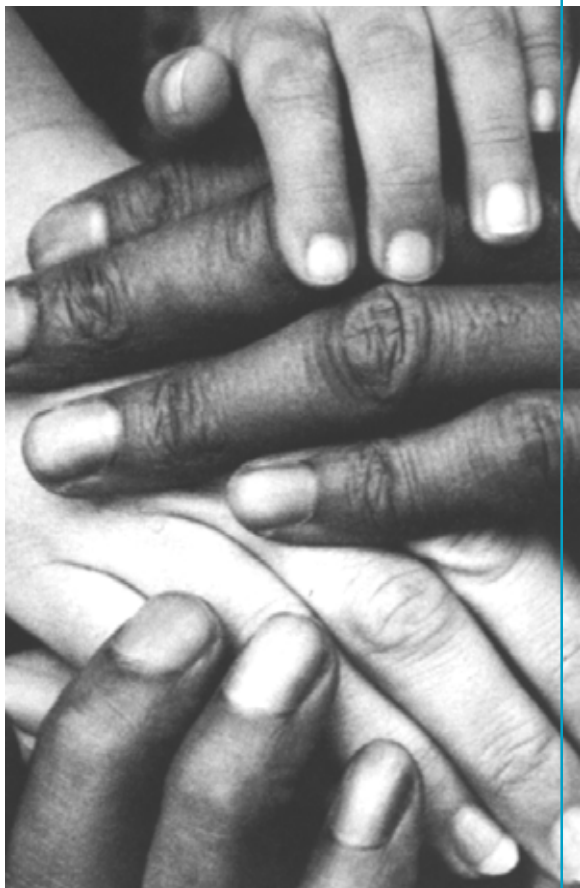
É, com moderação,
dizer o que se pensa,
É respeitar toda a gente
Sem nenhuma desavença.

Podemo-nos expressar
Na arte da pintura,
Na escrita e na música,
Também na escultura.

Liberdade é cantar,
Fazer sons com harmonia.
Se não formos livres,
Vivemos com monotonia.

Não consigo imaginar
Um mundo que não seja livre.
Privarem-nos de tal valor
É o auge do crime.

Pedro Santos, 9.ºA



Impressões sobre a Liberdade

No primeiro dia em que me sentei no trono da vida, senti algo especial. Não consegui decifrar muito bem o que era. Mas... hoje, descobri o que era a liberdade a crescer e a apoderar-se de mim.

Desde que tenho esse pequeno «poder», uso-o e desfruto dele, mas não abuso, pois poder-me-ia prejudicar.

Quem não possui esse «dom» nunca poderá saber como é bom ser livre e calmo.

A liberdade não quer dizer que uma pessoa, principalmente jovem, possa andar metido na droga. Pode ser uma liberdade, mas só até ao dia em que a pessoa descobre nela uma prisão. A chave para abrir a porta da saída é muito difícil de encontrar.

É necessário saber usar a liberdade convenientemente...

Sofia, 6.ºA

A Liberdade na Escola e na Sala de Aula

(continuação do número anterior)

Porque a acentuada desresponsabilização dos pais face à educação dos seus filhos se reflecte no modo como as crianças e os jovens estão e interagem na escola e na sala de aulas, é importante que seja esclarecida e justificada a ênfase que vimos pondo na necessidade do compromisso de toda a comunidade educativa com o respeito pelos alunos do sistema de regras de conduta e boa educação definidos na escola, uma vez que, parece-nos, tal respeito é condição de uma educação e de um desenvolvimento que conduzam à autonomia, à tolerância, à responsabilidade e, numa palavra, à plena integração e cidadania.

Em primeiro lugar, queremos deixar claro que não consideramos que os pais sejam sempre os únicos ou, pelo menos, os mais responsáveis por aquele tipo de relação que estabelecem com os seus filhos, dado que tal situação se prende, frequentemente, com as exigências da sociedade, que tantas vezes impõe às pessoas, como condição da sobrevivência de si e das suas famílias, ritmos, condições e horários de laboração que – contrariando os optimistas que no séc. XIX acreditavam que o desenvolvimento tecnológico iria libertar o homem da opressão do trabalho, possibilitando-lhe condições para um maior bem-estar, realização pessoal e felicidade, através do aumento conjunto dos rendimentos e do tempo de lazer – muito têm contribuído para o cepticismo, a descrença e a desumanização da vida e das relações sociais e familiares, facto este que, quase sempre de forma impensada e inconsciente, é acompanhado de uma espécie de “fuga para a frente”, hedonista e ruinosa que, na relação dos pais com os filhos se traduz, por um lado, na oferta excessiva e desregrada de objectos materiais



de consumo e, por outro lado, num extremo laxismo e permissividade em termos normativos e comportamentais. E tudo isto feito na expectativa, quanto a nós ingénuas, de que assim procedendo se compensam as crianças do tempo, da atenção, do acompanhamento, do interesse e do carinho que se lhes não pôde ou não quis oferecer.

Ora, nada é mais prejudicial para o desenvolvimento, a formação, a boa integração social e o futuro das crianças do que aquele modo de proceder. Do primeiro comportamento, do “dar tudo aos filhos”, resulta a sua privação da possibilidade de aprenderem a conhecer e a dar valor às coisas e ao esforço necessário para as conseguir; do segundo, do “laxismo normativo”, resulta que as crianças ficam impedidas de conhecer que não se deve fazer tudo o que se “pode” e quer fazer, uma vez que há limites normativos, legais e éticos para o agir. Tais limites, de que a criança fica sem a oportunidade de aprender, são indispensáveis a uma vida social baseada não no medo do outro (será que, como eu próprio quando o quero e tantas vezes o faço, também o outro me irá fazer mal a mim?), mas na confiança recíproca, de cuja possibilidade o conhecimento e o mútuo respeito pelas normas constitui uma boa garantia.

Convictos de que o crescimento social e moral da criança passa pelo desenvolvimento do sentimento e do sentido da reciprocidade, da igualdade e da justiça, e que estes, tal como o exercício responsável da liberdade,

passam pelo respeito do indivíduo pelas regras sociais, somos de opinião que a educação deve consistir, em grande medida, num processo de interiorização de normas. É que, e recusando a dicotomia reducionista presente na pergunta que tantas vezes se faz sobre se “educar é reprimir ou libertar?”, pensamos que a educação envolve todo um conjunto de estratégias, processos e actividades que, se por um lado, visam o desabrochar, o libertar e desenvolver de capacidades e competências que se consideram desejáveis, dado favorecerem a realização individual e social da pessoa, por outro lado, não podem

“No processo natural do fazer-se homem, tornando-se adulto, por parte da criança, a presença das regras é, portanto, imprescindível...”

deixar de visar a limitação, a repressão e/ou condução e educação daquelas tendências e impulsos cuja espontaneidade desregrada acabaria por conduzir a

consequências infelizes tanto para a pessoa como para o meio social em que se integra. É o facto de o desenvolvimento da criança e o processo educativo se processarem mais ou menos desta maneira que torna indispensável a presença e a sua aprendizagem e interiorização das regras sociais, cuja função, como se vê, e há que fazê-lo compreender às crianças e aos jovens, é orientar o seu comportamento, tendo em vista a prossecução de objectivos e valores edificantes e social e humanamente desejáveis.

Autores como Piaget, Erickson e Kolberg são unânimes no modo como insistem na importância socializadora das regras sociais, uma vez que elas são indispensáveis à construção da identidade individual de cada pessoa.

Porém, se se preferir olhar para elas, não tanto pelo seu lado positivo, isto é, enquanto orientam para valores desejáveis, mas antes, pondo o acento no seu lado negativo, isto é, enquanto elas reprimem e limitam tendências e comportamentos não desejáveis, não deixe de se ter presente que o “eu” de cada pessoa se constrói em grande medida a partir e através do “não” e, nomeadamente, através do “não” e da resistência da criança e do adolescente às regras sociais que encaram como expressão da autoridade do mundo adulto, face ao qual se querem afirmar.

No processo natural do fazer-se homem, tornando-se adulto, por parte da criança, a presença das regras é, portanto, imprescindível, quanto mais não seja, confessamo-lo, para serem recusadas e contestadas. A esse respeito, recordamo-nos de há anos atrás, a propósito dos níveis elevados de suicídio entre jovens na Suécia, termos lido a explicação dada por alguém para esse facto, relacionando-o com o liberalismo e o excesso de permissividade com que nesse país as crianças eram educadas. Com efeito, dizia-se “se não houver regras contra quem e contra quem se poderão revoltar, para se afirmar, os jovens?” – pelos vistos, dizemos nós, aqueles jovens nórdicos revoltavam-se contra si mesmos, afirmando-se, ilusoriamente pela negativa, através do recurso ao suicídio. Não sabemos se o é, mas a ser isso verdade, é de concluir que mais vale uma educação com regras, mesmo que más, do que uma educação sem regras nenhuma.

Acílio Saldanha



Colóquio "A Problemática da Adolescência"

A APAVISA e a Direcção do Colégio organizaram e promoveram um debate, subordinado ao tema "A Problemática da Adolescência", que se realizou no dia 26 de Março, pelas 21 horas, na Biblioteca do Colégio, tendo sido convidados, para a sua animação, o Dr. Fidalgo Freitas, psiquiatra, Director do Departamento de Psiquiatria do Hospital de S. Teotónio de Viseu, que abordou a perspectiva da relação entre pais e filhos; a Dr.^a Cândida Cardoso, psicóloga na Escola EB 2, 3 de Grão Vasco, mestranda em Avaliação Psicológica, que procedeu a um enquadramento mais teórico da questão, caracterizando, numa perspectiva psicológica, as diferentes fases do desenvolvimento da adolescência; o Dr. Carlos Albuquerque, professor na Escola Superior de Enfermagem de Viseu, doutorando em Comportamentos de Risco, que fez incidir a sua intervenção na apresentação de um conjunto de dados estatísticos sobre comportamentos de risco na adolescência, recolhidos no âmbito de um estudo que está a efectuar.

Estiveram presentes na sessão cerca de 130 pessoas, entre pais, professores e auxiliares de acção educativa.

O debate tinha como objectivo promover a reflexão, discussão e partilha de ideias e experiências sobre as questões que no dia-a-dia se colocam na relação que os educadores estabelecem com os seus educandos, numa idade tão problemática das suas vidas como é o período da adolescência.

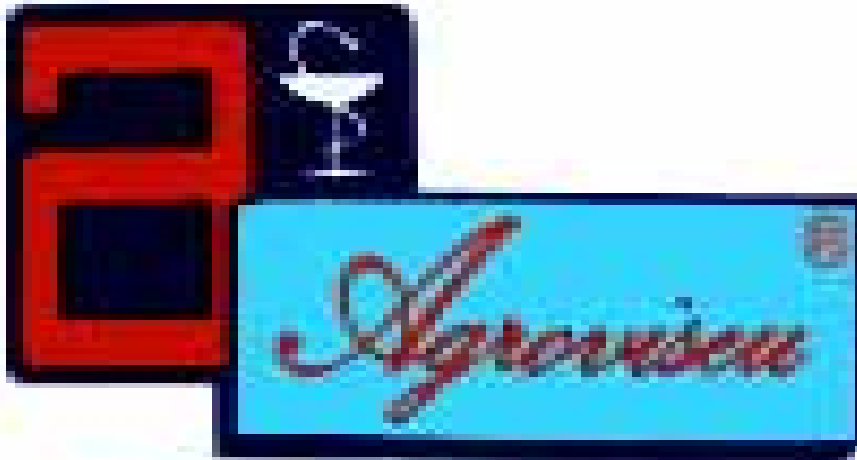
Depois das brilhantes intervenções dos nossos convidados que, de forma interessante e motivadora expuseram as suas ideias, deu-se início ao debate que decorreu de forma animada e participada. A sessão estendeu-se por cerca de três horas, e ficounos a sensação de que o tempo passara a correr e fora pouco, tão agradável e interessante estava a ser a "conversa".

O nosso bem-haja a todos quantos quiseram estar presentes pelo ânimo que nos deram para, no futuro, prosseguirmos com outras actividades desta índole.

Finalmente, não podemos de deixar de agradecer à Região de Turismo Dão Lafões e UDACA pelos apoios concedidos, que nos permitiram presentear os nossos convidados, bem como ao Restaurante Q.^{ta} da Magarenha que, gentilmente, nos emprestou o arranjo de flores que colocámos na mesa de honra.

*A Presidente da Direcção da APAVISA,
Conceição Matos*





Grupo Agroviseu

AGROVISEU – Comércio, Indústria e Representações, S.A.

**MEDICAMENTOS HUMANOS E VETERINÁRIOS
PRODUTOS E EQUIPAMENTOS AGRO-PECUÁRIOS
EQUIPAMENTOS PARA CLÍNICAS VETERINÁRIAS**

Armazém – Estrada Nacional n.º 2 * Campo * 3510-512 VISEU

Telef.: 232 457 010 * Fax: 232 450 512

Estabelecimento – Av. da Bélgica 105-109 Telef.: 232 411 733

VISEU * V. N. GAIA * GUARDA * CASTELO BRANCO

ECHOS DA VIA

SACRA

Inauguração do busto de Camões Uma antiga dívida dos viseenses

No dia 10 de junho passado a Camara Municipal desta cidade, antes de proceder á transladação da primeira pedra para o pedestal do busto ao grande Epico, no novo local, convocou para a reunião, no grande salão do Asilo de Santo Antonio, a todo o elemento da cidade para ouvir uma conferencia sobre a obra de Camões.

Tinha sido convidado para a fazer o Sr. Dr. Amadeu da Silva, distinto professor do Liceu. Durante mais de meia hora S.Ex.^a deliciou-nos com o brilho da sua palavra erudita e vigorosa, embora por vezes singela, pois pretendêra dar ao seu trabalho o carácter de prelecção, de lição.

No fim organizou-se um cortejo em direcção á Praça que já tem o seu nome e onde se incorporaram o Sr. Governador Civil, o Sr. General, alguns officiaes, alguns professores, alguns académicos e algum povo.

Apenas a corporação dos Bombeiros se apresentava com o seu fardamento de gala !

É justa a homenagem ao Príncipe dos poetas portugueses que é também um dos cinco grandes poetas do mundo.

E, sendo dia de feriado aquêlê dia, devia ter sido um dia de maiores manifestações.

*J. A. Paes
(aluno do 2.º ano)*